

Luta por dignidade: a campanha do marmiteiro na democratização de 1945

Michelle Reis de Macedo*

Resumo: Em 1945, o destino da política nacional parecia já estar traçado. Getúlio Vargas fora deposto e o movimento queremista, desmobilizado. Enquanto a campanha de Eurico Dutra ocupava apenas pequenas notas nos jornais, o candidato udenista Eduardo Gomes possuía o respaldo da grande imprensa e sua eleição à presidência da República parecia certa. Mas, faltando poucos dias para as eleições, a campanha do marmiteiro lançada pelo queremista Hugo Borghi causou um forte impacto na opinião pública. Acusando o brigadeiro de desdenhar o voto dos “marmiteiros”, Borghi acendeu o ânimo popular e estimulou uma imagem extremamente negativa do candidato da UDN, considerando-o defensor dos “grã-finos”. Na luta simbólica, trabalhadores e populares identificaram-se com o símbolo da “marmita”, dando aos fatos políticos um rumo diferente daquele previsto.

Palavras-chave: Marmiteiro, luta simbólica, democracia.

Abstract: In 1945, the national politics destination had seemed to be decided. Getúlio Vargas had been unseated and the “queremismo” had finished. While Eurico Dutra’s campaign had not produced enthusiastic propagandas, the candidate of UDN, Eduardo Gomes, had had the big press’ anchor. Above all, everybody had believed in his election for the Republic presidency. However, some days before the Election Day, the “campanha dos marmiteiros”, made public by Hugo Borghi, had changed the public opinion. Borghi said that Eduardo Gomes had rejected the votes of the “marmiteiros” and had defended the “grã-finos”. Laboreres and ordinary people had identified with the “marmita” symbol; because of that, political facts had followed a different way.

Keywords: “Marmiteiro”, symbol dispute, democracy.

Processos de transição política são períodos de indefinições, de disputa entre diferentes projetos políticos, cujo resultado depende diretamente das estratégias escolhidas pelos atores envolvidos. No Brasil, o ano de 1945 foi assim.

* Doutoranda, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal Fluminense.

2

Por um lado, mobilizados pela luta contra o fascismo e pela entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, as oposições à ditadura sustentada por Getúlio Vargas aproveitaram-se do momento para promover seus interesses políticos internos, substituindo paulatinamente a luta contra o autoritarismo externo por estratégias de denúncia da situação nacional. A partir daí, criou-se uma frente de oposição, a União Democrática Nacional (UDN), que reuniu diversas correntes políticas e ideológicas e lançou a candidatura do brigadeiro Eduardo Gomes. Por outro lado, o Estado Novo, com suas bases de sustentação abaladas, tentava controlar o processo de democratização de forma menos traumática possível. Efetivou medidas responsáveis pela modificação institucional da política brasileira e criou diretrizes necessárias para a realização das eleições presidenciais, marcadas para o dia 2 de dezembro do mesmo ano. Frente à movimentação das oposições, membros do governo organizaram um partido nacional – o Partido Social Democrático (PSD) – e lançaram um candidato – o general Eurico Dutra, ministro da Guerra.

Enquanto o PSD dispunha de tímidas propagandas para o seu candidato, o seu principal adversário possuía respaldo da grande imprensa, o que aumentava cada vez mais a certeza de uma fácil vitória udenista. Para as oposições, a transição para a democracia deveria ser negociada pelo alto e sem Vargas, com a saída da elite do Estado Novo e a entrada de uma outra, a da UDN, no controle do Estado. O novo sistema deveria se basear nos preceitos do liberalismo clássico, com as devidas limitações à participação popular. No entanto, o movimento queremista modificou os rumos do processo de transição, impedindo que fosse um mero acordo entre as elites.

Como uma manifestação popular nas ruas do país, o queremismo assustava brigadeiristas e dutristas. Através do lema “Constituinte com Getúlio”, a multidão de trabalhadores e populares clamava pela candidatura de Vargas para que ele, no poder, controlasse o processo de transição democrática e garantisse as leis trabalhistas na nova Constituição. A par do queremismo, o governo estava providenciando um partido político que pudesse servir de alternativa institucional para os trabalhadores nas eleições – o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). De início, os objetivos do PTB eram os mesmos do queremismo: promover a figura de Vargas e defender a continuidade dos direitos sociais conquistados na década anterior. Portanto, seus membros decidiram participar do movimento.

Apesar dos insistentes pedidos queremistas, Vargas decidiu não se candidatar. Mesmo assim, não tomou providências para controlar os ânimos populares. As atitudes ambíguas do presidente alimentavam suspeitas nos adeptos dos candidatos oficiais, segundo os quais Vargas radicalizara demais para os padrões conservadores das elites brasileiras. Em 29 de

3

outubro, Vargas foi deposto por um golpe arquitetado pela UDN e encabeçado pelos militares, inclusive com a participação do candidato do PSD.

Após a deposição de Vargas, o PTB investiu no processo de institucionalização do queremismo pela via partidária, incitando os manifestantes do movimento a ingressarem no partido. No entanto, nos bastidores do PTB, os impasses acirravam-se, alimentando a divisão entre o grupo dos fundadores, representado por Segadas Viana, que defendia a abstenção e a concorrência somente para as eleições parlamentares, e aquele proveniente da liderança do queremismo, representado por Hugo Borghi, defendendo o apoio à candidatura de Dutra. Era difícil para os trabalhistas apoiarem um nome envolvido com o golpe que depôs Getúlio; no entanto, lançar outro candidato poderia dividir as forças getulistas, enfraquecendo o PSD e o PTB, dando a vitória para o candidato udenista. Sendo assim, a tendência era o fortalecimento da ala trabalhista de apoio a Dutra.

Mesmo com divergências internas, os trabalhistas, incluindo os queremistas que aderiram ao partido, não desistiram da luta político-eleitoral e continuavam investindo na propaganda do PTB, bem como nos ataques ao candidato da UDN. Todavia, trabalhadores e populares, antes mobilizados pelo queremismo, encontravam-se desorientados sem a presença de Vargas. A tendência era a dispersão de seus votos entre Eduardo Gomes e Yedo Fiúza, candidato do Partido Comunista do Brasil (PCB).¹

Não restava dúvida alguma. As reportagens anunciavam, previamente, a vitória da Eduardo Gomes nas eleições para presidente da República. Faltavam poucos dias para as eleições e somente um acontecimento político capaz de causar forte impacto na opinião pública poderia inverter os resultados do pleito.

Apesar das dificuldades, Hugo Borghi não desistia e, com extrema sensibilidade política, percebia o quanto a propaganda udenista enganava-se com relação à preferência popular. Declarou, em entrevista, que a imprensa udenista atacava frontalmente Getúlio porque esquecia, ou não percebia, que o operariado era grato a ele devido à obra social que implementara. O clima de conflito iminente sentido por Borghi serviu de terreno fértil para ele fomentar a campanha contra a UDN. Em seus discursos, identificava dois grupos sociais, em lados opostos na luta política: grã-finos *versus* trabalhadores. Até o momento em que surgiu um slogan, com o qual o imaginário popular se identificou. No dia 21 de novembro, o líder queremista divulgou na imprensa uma nota dirigida aos trabalhadores:

¹ Naquela época, o Partido Comunista denominava-se Partido Comunista do Brasil, com a sigla PCB. Mais tarde, passou a se chamar Partido Comunista Brasileiro, mantendo a mesma sigla. Os comunistas seguidores de Luís Carlos Prestes também participaram do movimento queremista, pedindo a “Constituinte com Getúlio Vargas”. Após a deposição do presidente, passaram a investir em uma candidatura própria – a de Yedo Fiúza.

Não vencerá aquele que disse não necessitar do voto dos marmiteiros e da patuléia, quando os trabalhadores se reuniam em praça pública para manifestar suas aspirações. O trabalhador brasileiro, que é grato a Getúlio Vargas por tudo quanto recebeu do grande presidente, não dará um voto sequer a Eduardo Gomes, pois este é o seu maior inimigo. Este candidato está boicotado pelo trabalhador brasileiro, que não deseja a sua vitória, pois esta representaria a vitória da reação, a vitória das elites, dos grã-finos contra os trabalhadores (O JORNAL, 21 de novembro de 1945: 1ª seção, p. 2).

Borghí estava se referindo a um discurso proferido por Eduardo Gomes num comício no Rio de Janeiro. Segundo o líder queremista de plantão, o brigadeiro atacou a ditadura de Vargas e revelou: “Não necessito dos votos dessa malta de desocupados que apóia o ditador para me eleger presidente da República.” Ele ouviu as palavras do udenista pelo rádio e, na noite seguinte, mandou ligar 150 estações em cadeia para responder-lhe. Interpretando a sua maneira, Borghi afirmou que Eduardo Gomes referira-se àqueles operários que compareciam aos comícios pró-Vargas e os considerava uma “malta de pagos, assalariados.” Contou Borghi que logo correu ao dicionário e encontrou significados para a palavra malta: “ajuntamento de lobos, conglomerado de má catadura, operários que percorrem as linhas ferroviárias levando as suas marmitas, marmiteiros...”. E concluiu: “Eu vi a palavra marmiteiro e gostei do negócio. Marmiteiro pegava mais do que malta” (BORGHI, 1982: 52).

No dia seguinte à publicação da declaração de Borghi, o *Correio da Manhã* entrou em contato com Eduardo Gomes no intuito de indagá-lo sobre o caso dos “marmiteiros”. “Marmiteiros”? Perguntou ele, surpreso. E o repórter repetiu: “Mar-mi-tei-ros.” Desentendido, perguntou novamente: “Que é isto?” Segundo o periódico, o repórter precisou lhe explicar. Após tomar conhecimento do assunto, o brigadeiro comentou: “Quem pode crer em semelhante tolice?” Com a intenção de defender o brigadeiro, o periódico agravou ainda mais sua situação, concluindo que ele, definitivamente, não estava familiarizado com o termo. O fato de não possuir intimidade com o símbolo que representava a identidade do trabalhador significava que era um homem da elite.

Apesar da grande repercussão da campanha dos marmiteiros, os udenistas não acreditavam no alcance que ela poderia ter. Algumas reações vieram em notas nos jornais, mas nenhuma delas parecia acreditar em um possível abalo da campanha do brigadeiro. Para aqueles que lutavam pela vitória do candidato udenista, a campanha dos marmiteiros significava uma mera tentativa de sobrevivência de Hugo Borghi, que, por ter se enriquecido através de negócios

5

ilegais durante a ditadura, estaria se sentido acuado diante da vindoura eleição de Eduardo Gomes, cujo governo lhe obrigaria a prestar contas ao Banco do Brasil. Portanto, “marmiteiros” seria apenas uma invenção de um homem rico preocupado com seus negócios, que tentando explorar a ingenuidade do povo, utilizou o discurso da pobreza para propósitos políticos e econômicos. Era assim que os udenistas entendiam a campanha dos marmiteiros – uma mentira inventada pelos derrotados.

Anos depois, Borghi continuava afirmando a veracidade do fato: “E ele disse mesmo. Eu não menti nada. Eu apenas usei um sinônimo.” Mentira ou não, a campanha assumiu grandes dimensões, encontrando receptividade em um significativo grupo de populares, sobretudo os trabalhadores urbanos, que, ressentidos com os últimos acontecimentos políticos, viram na imagem da marmita uma poderosa arma para lutar por seus interesses. Prova disto foi a multidão comparecendo aos comícios do PTB com marmitas e panelas na mão, batendo e chacoalhando. Utilizando-se da palavra “marmiteiro” para identificar o trabalhador e o contrapor aos “grã-finos”, Borghi acendeu o ânimo popular e estimulou uma imagem extremamente negativa do candidato udenista, contribuindo para a antipatia de grande parte dos eleitores de baixa renda para com a candidatura da UDN, que ficou marcada, na história brasileira, como partido da elite.

O título de defensor dos “grã-finos” atribuído a Eduardo Gomes, assim como a “marmita”, não eram simples invenções de Borghi, pois a eficácia política dos símbolos depende daquilo que Bronislaw Baczko chama de *comunidade de imaginação* ou *comunidade de sentido*. Portanto, a idéia da existência de um conflito entre grã-finos e marmiteiros divulgado por Borghi só foi bem-sucedida porque revelou o que estava por trás da organização social e da compreensão que se fazia dela. Os símbolos, quando encontram um ambiente propício para o seu desenvolvimento, são capazes de atingir aspirações, medos e esperanças de um povo. Eles comunicam, possibilitam reconhecimentos e criam diferenças; e ainda possuem o poder de transformar versões em fatos. Naquele momento de disputa política, trabalhadores encontraram no símbolo da marmita sua identidade e detectaram seus inimigos, os grã-finos, dando um outro rumo aos fatos políticos. A campanha do brigadeiro, que antes se fortalecia progressivamente, sobretudo após a deposição de Vargas, sofrera um grande abalo com o sucesso da campanha dos marmiteiros.

Milhares de panfletos e manifestos foram publicados em jornais pregando a dignidade e a humildade dos marmiteiros. Um deles se destaca por explicitar inúmeros valores e significados suscitados pela palavra marmiteiro. O texto começa relatando a difícil rotina de um trabalhador, que, com muita vontade e esforço, acorda cedo e lota os bondes para

6

enfrentar uma longa distância até o local de trabalho e ganhar o sustento da família. Percorre sua trajetória com uma marmitta debaixo do braço e, portanto, identifica o texto, ele é um marmiteiro. Logo depois, o manifesto polariza a sociedade brasileira daquele momento, identificando interesses, valores e classes em disputa:

É marmiteiro sim. E honra de o ser. Não podendo freqüentar os restaurantes dos grã-finos, nem ter os acepipes dos fidalgos, ele conduz para a sua atividade a marmitta que contém a comida preparada, com prazer, pela sua companheira. [...] A marmitta é um símbolo de que a pessoa que a está carregando, luta pela vida, honestamente, sem ter medo das dificuldades. Porque ninguém deve ignorar o seguinte: o marmiteiro não quer discursos bonitos dedicados a “classes cultas”.(O RADICAL, 22 de novembro de 1945: 5).

O que o marmiteiro quer, continua o texto, é a diminuição do preço dos aluguéis, da alimentação e do vestuário, é ter direito à saúde e à educação para os seus filhos. E, em suas linhas finais, propaga a idéia de que o PTB seria o verdadeiro partido representante dos interesses dos trabalhadores.

O caso dos marmiteiros lançado por Borghi revirou o quadro político, enfraqueceu a campanha de Eduardo Gomes, sem, no entanto, reverter os votos perdidos pelo candidato udenista para a campanha de Dutra. O comportamento dos queremistas de baixa renda ainda era uma incógnita. Para orientá-los, uma das facções do PTB apostava no incentivo à candidatura de Dutra; no entanto, necessitava do apoio de Vargas ao candidato do PSD.

Enquanto as disputas políticas ocorriam publicamente, entendimentos entre o PSD e a ala do PTB liderada por Borghi articulavam-se nos bastidores. Mas Vargas permanecia calado, esquivando-se de decisões políticas quanto ao processo eleitoral, resistindo em apoiar Dutra. No entanto, foi se convencendo aos poucos de que a vitória de Eduardo Gomes poderia destruir o legado de seu governo. No dia 25 de novembro, o ex-presidente abandonou o silêncio e chamou Borghi para lhe comunicar seu apoio a Dutra.

O manifesto de Vargas chegou meia hora antes do encerramento do último comício de Dutra no Rio de Janeiro, realizado 5 dias antes do pleito. Seus oradores pessedistas insistiam em elogiar Dutra e bradar seu nome. No entanto, a noite pertencia aos queremistas, disse um periódico. Após o anúncio da adesão de Vargas à candidatura Dutra, ouviam-se gritos de “Getúlio! Getúlio! Getúlio!” A partir daquele momento, iniciou-se uma nova campanha, trazendo fôlego ao candidato do PSD. A mensagem “Ele disse: votem no general Dutra” foi impressa, juntamente com a fotografia de Vargas, e distribuída em todo país.

7

As oposições udenistas ainda tentaram se recuperar, duvidando do “Ele disse”. Porém, seus esforços foram em vão. O resultado das eleições foi surpreendente: Eurico Dutra venceu com 52,39% dos votos, enquanto Eduardo Gomes obteve 34,74%.² Exceto no Ceará, no Piauí e no Distrito Federal, em todos os estados a aliança PSD-PTB conseguiu a vitória.³ Vargas foi eleito senador pelo Rio Grande do Sul e por São Paulo. Como deputado federal, foi eleito por sete estados (São Paulo, Distrito Federal, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Bahia, Rio Grande do Sul e Paraná). Inconformada, a UDN justificou sua derrota nas eleições afirmando que, no interior do Brasil, muitos queremistas levaram às urnas eleitores comprados ou embriagados. No entanto, as estatísticas mostraram que a popularidade de Vargas era inegável.

Considerações finais

A mobilização popular no contexto de transição política em 1945 foi entendida pelas oposições da época como um resultado da manipulação do Estado durante os anos 1930 e 1940, uma concepção que mais tarde foi adotada por uma certa corrente historiográfica. Acreditava-se que os setores populares da sociedade brasileira, sobretudo os trabalhadores urbanos, estariam lutando – no queremismo, na campanha dos marmiteiros e na eleição de Dutra – por uma demanda que não era deles. No entanto, uma nova abordagem da historiografia, a qual valoriza as escolhas e os interesses dos grupos populares e seu papel nas decisões políticas, oferece uma explicação mais complexa e convincente daquele momento de intensa agitação popular, em geral, e do sucesso da campanha do marmiteiro, em particular.

Durante a experiência que trabalhadores e populares obtiveram a partir da relação estabelecida com o Estado nas décadas de 1930 e 1940, foi construído um conjunto de critérios culturais, chamado de cultura política, que moldou práticas sociais e escolhas políticas desses grupos sociais. Um dos significativos valores construídos a partir dessa cultura política foi a dignidade do trabalhador – idéia que estimulou a campanha dos marmiteiros. Portanto, o símbolo da marmita atingiu, com êxito, o imaginário popular porque se identificou com a cultura política dos setores populares. Além disso, foi naquele contexto de conflitos políticos e lutas simbólicas que trabalhadores e populares reconheceram-se como classe social, com interesses próprios em oposição aos interesses de outros grupos. De um lado, as elites, representadas pela metáfora do “grã-fino”; de outro, trabalhadores e populares,

² O candidato comunista Yedo Fiúza obteve 9,7% dos votos, fato que também surpreendeu, pois era um desconhecido na política nacional. A popularidade de Luís Carlos Prestes deu ao PCB um significativo número de votos a Fiúza.

³ No Distrito Federal, possivelmente a grande penetração do PCB dividiu o voto popular.

8

representados pela palavra “marmiteiro”. A marmita agiu como um poderoso símbolo capaz de catalisar valores e demandas desses grupos sociais, fazendo-os participarem da arena eleitoral como atores políticos de peso.

Bibliografia

BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. In *Enciclopédia Einaudi, Anthropos-Homem*, vol. 5. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. *A UDN e o udenismo. Ambigüidades do liberalismo brasileiro (1945-1965)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

BORGHI, Hugo. (depoimento). Rio de Janeiro: FGV/CPDOC – História Oral, 1982.

CABRAL, Elza Borghi de Almeida. *O queremismo na redemocratização de 1945*. Dissertação de mestrado. Niterói: Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, 1984.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *PTB: do getulismo ao reformismo (1945-1964)*. São Paulo: Marco Zero, 1989.

FERREIRA, Jorge. Quando os trabalhadores “querem”: política e cidadania na transição democrática de 1945. In: *O imaginário trabalhista. Getulismo, PTB e cultura política popular 1945-1964*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

GOMES, Angela de Castro. *A invenção do trabalhismo*. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

_____. História, historiografia e cultura política no Brasil: algumas reflexões. In SOIHET, Rachel; BICALHO, Fernanda & GOUVEA, Maria de Fátima (orgs.). *Culturas políticas. Ensaio de história cultural, história política e ensino da História*. Rio de Janeiro: FAPERJ/MAUAD, 2005.

MACEDO, Michelle Reis de. *Trabalhadores e cidadania no Brasil. O movimento quememista e a democratização de 1945*. Dissertação de mestrado. Niterói: Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, 2008.

THOMPSON, E. P. *Tradicón, revuelta y consciencia de clase*. Barcelona: Ed. Crítica, 1989.